

PERCEPÇÕES DE DOCENTES MASCULINOS QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE AS PESQUISAS ACADÊMICAS

GABRIEL HENGSTEMBERG BONIFÁCIO

Graduação em Letras pela Universidade Paulista (2014); graduação em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa (2015); Pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Educacional da Lapa (2015); Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Educacional da Lapa (2017); Educação e Sociedade pela Faculdade Cidade Verde (2018); Ludopedagogia pela Faculdade de Conchas (2019); Pedagogia Sistêmica pela Faculdade de Conchas (2020); Gestão e Mediação de Conflitos pela Faculdade de Conchas (2021); Mestrado em Educação pela UFS-Car (2019). Professor efetivo da Prefeitura Municipal de Votorantim atuando diretamente com o Atendimento Educacional Especializado.



RESUMO

A síntese refere-se a uma pesquisa em andamento centrada nas percepções sobre gênero de docentes masculinos que atuam na Educação Infantil. A problemática trata-se das percepções que os docentes têm sobre suas trajetórias a partir de um amálgama de atravessamentos sociais, históricos e culturais, e a partir delas, quais definições podem orientar suas práticas educativas. Tem-se como objetivo investigar as percepções de gênero de professores que atuam na Educação Infantil a partir das pesquisas já realizadas, impulsionando a reflexão sobre os valores que marcam a nossa sociedade. Para responder essa problemática, esse estudo estrutura-se a partir da perspectiva qualitativa e utiliza para produção de dados o estado do conhecimento. A busca por produções foi realizada no banco de dados do site Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. No banco de dados foram encontrados 95 trabalhos com as palavras-chave: Docente masculino e Educação Infantil; na opção de campo de procura, deixou-se selecionado todos os campos. Através do resultado obtido, foi lido o resumo dos trabalhos encontrados e selecionados apenas 10 deles, pois os demais perpassam pelo campo da educação ambiental, educação matemática, educação especial, ensino a distância entre outros; portanto não foram selecionados para a composição do corpus de análise. Os resultados esperados vislumbram apresentar um breve panorama da produção científica contida neste banco de dados acerca da temática do docente masculino na Educação Infantil e com isso, possibilitar subsídios pedagógicos para melhoria da qualidade social da educação nas salas de aulas da Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Docente Masculino; Educação Infantil; Estado do Conhecimento; Cultura; Relação de Gênero.

INTRODUÇÃO

A pesquisa em andamento pretende analisar a percepção profissional dos docentes masculinos que trabalham com crianças na educação infantil em instituições desde o momento em que ingressaram no magistério. Para isso, procura-se entender a história da educação e a feminização

do magistério no Brasil.

Em análise de dissertações e teses (SAYÃO, 2005; RAMOS, 2011; MONTEIRO, 2014) percebe-se haver uma grande barreira entre os docentes masculinos e a sociedade em seu início de carreira nesta fase da educação básica. Os professores após passarem num concurso público têm que passar no período probatório que geralmente dura 3 anos, mas esses docentes masculinos além desses dois testes têm que passar pelo comprobatório (RAMOS, 2011, p. 31) ou ritual de passagem (SAYÃO, 2005, p. 65) para provar suas habilidades e se eles não vão abusar de alguma criança sexualmente. Apoiando-se nos estudos da autora americana Christine Williams, Sousa (2011, p. 44) também afirma que as preocupações em torno da presença masculina em trabalhos com crianças vêm mais dos familiares das crianças e as apreensões estão associadas à ideia de perversão sexual desses homens que optam por trabalhar num espaço de predominância feminina.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/9394/1996) inseriu a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, fazendo com que os municípios ampliassem através de concursos públicos, o quadro de funcionários para atender à tal demanda. Isso fez com que mais homens olhassem a docência como uma oportunidade de emprego.

Pincinato (2007) apud Monteiro (2014, p. 54):

O magistério proporcionou a esses homens ingressar mais rapidamente no mercado de trabalho, pois diversos concursos eram realizados na área e, além disso, tratava-se de uma carreira na qual “eles poderiam ascender”.

A autora acrescentou que “nenhum deles manifestou o desejo ou então o sonho de assumir essa identidade profissional, até porque ser visto como professor, na percepção formada por eles, era o mesmo que ser identificado com os valores sociais femininos, existentes no magistério” (PINCINATO, 2007, p. 34) apud (MONTEIRO, 2014, p. 54).

Neste ambiente dominado pela docência feminina (MONTEIRO, 2014, p. 1; SAYÃO, 2005, p. 20), tendo em vista que a sociedade faz determinados questionamentos acerca da presença masculina, o docente masculino se insere/é aceito numa instituição, através do aval de pessoas que já conhecem o seu trabalho (RAMOS, 2011, p. 117).

Diante desse contexto, quais percepções esses docentes têm sobre sua trajetória? Para tanto pretendo buscar respostas à problemática a partir de mapeamento e análise de estudos já realizados usando como método o estado do conhecimento no campo do BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

Em levantamento realizado (HAHNER, 2011; MONTEIRO, 2014; SAYÃO, 2005), foi visto que a Educação Infantil é uma área profissional que no decorrer de sua história foi caracterizada como trabalho feminino. O ensino público primário expandiu e a entrada das mulheres foi motivada.

Todavia a educação primária no Brasil já tenha sido exercida predominantemente pelo gênero masculino. Hahner (2011, p. 468) relata que em meados de 1870 o número de mulheres e homens na educação estava se equivalendo. Porém com melhores oportunidades de trabalhos os homens foram deixando de entrar para a docência e isso foi abrindo espaço para as mulheres.

Historicamente, as professoras que assumiram o magistério dos anos iniciais do Ensino Fundamental e da Educação Infantil tiveram que assumir o caráter materno, da segunda mãe, e ainda hoje, muitas pessoas assim imaginam e esperam que o magistério seja praticado por mulheres dóceis e amáveis. Assunção (1996) apud Monteiro (2014, p. 36), analisando a concepção de tais professores acerca da pouca presença de homens na docência, as justificativas encontradas para essa configuração da profissão foram os baixos salários, preconceitos sociais e habilidades que seriam naturalmente femininas, como paciência, subjetividade e jeito maternal. Além disso, suas análises revelaram a associação da escolha de homens pelo curso de magistério à sua orientação sexual, suposta como homossexual.

Ramos (2011, p. 32) enfatiza que para serem aceitos pela comunidade escolar, os professores do sexo masculino passam pelo crivo e pela vigilância dos adultos, especialmente quando a função no interior da instituição infantil exige a execução das funções relacionadas ao cuidado das crianças. A esta fase, ele chama de período probatório.

Em sua dissertação de mestrado Fonseca (2011, p. 47) diz que um docente masculino de sua pesquisa relata que tinha receio de ser julgado por estar num lugar ao qual não pertencia, e que, para pertencer, deve se policiar e vigiar os seus atos o tempo todo. Assim, ele brinca um pouquinho com as crianças, mas não tem muito contato físico, pois tem medo do que outras pessoas falarão.

Rocha (2012, p. 8), considera que homens são vistos como sexuados, perversos, que estão sempre à procura de uma vítima para satisfazerem seus desejos ligados à sexualidade e que as mulheres seriam dotadas de uma sexualidade incomum, tornando-as puras, quase santas, o que às tornariam pessoas acima de qualquer suspeita.

Souza (2010, p. 115) entende que no início o docente masculino é compreendido predominantemente a partir das características de um masculino genérico, emergindo em relação a esse homem um sentimento de suspeita, materialidade, abuso, homossexualidade e inadequação para o trabalho, todos eles vinculados à uma naturalização desse homem.

Campos et al. (1991) apud Monteiro (2014, p. 93) também abordaram a relação corporal existente entre criança e adulto na Educação Infantil salientando que a interação mulher-criança é mais aceita que a homem-criança;

É como se a maternidade efetiva ou potencial de qualquer mulher impedisse, ou bloqueasse, a erotização de suas interações com a criança. As imagens de inocência e pureza ligadas à maternidade não parecem extensivas à paternidade. Quando homens se dedicam ao trabalho educativo com crianças pequenas passam a ser suspeitos tanto sobre sua identidade masculina, quanto sobre sua moralidade (CAMPOS et al., 1991, p. 55). Apud (MONTEIRO, 2014, p. 93)

Diante do exposto, a problemática é as percepções que tais docentes têm sobre suas trajetórias. Para isso, recorro à Gatti (2002, p. 57) que em seu estudo sobre a construção de pesquisa em Educação no Brasil, entende que problema é uma questão que não tem uma resposta plausível imediata ou evidente e que são questões que necessitam de esforços específicos, métodos para se tentar obter respostas.

Vê-se como problema desta pesquisa, a qual no decorrer deste trabalho procurei responder, as questões relacionadas ao docente masculino atuante na Educação Infantil. 1) Como foi a aceitação do ingresso deste profissional na rede pela instituição, pela sociedade. 2) Como é vista a profissão destes docentes pela escola e pela sociedade. 3) Como o próprio docente trabalha a questão de trabalhar num ambiente predominantemente feminino. Em suma: Quais percepções esses docentes têm sobre sua trajetória?

OBJETIVO DA PESQUISA

Investigar percepções dos docentes sobre sua trajetória na educação Infantil a partir das pesquisas já realizadas.

METODOLOGIA

Segundo Stubbs e Delamont (1976) apud Ludke e André (1986, p. 15), a natureza dos problemas é que determina o método, isto é, a escolha do método se faz em função do tipo de problema estudado.

Ludke e André (1986, p. 17) entendem que um projeto pretende não partir de uma visão pre-determinada da realidade, mas inserir aspectos ricos e imprevistos. Perante a questão, a pesquisa bibliográfica foi uma definição mais precisa do objeto de estudo;

O instrumento utilizado foi a pesquisa bibliográfica, Fonseca (2002) diz que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Romanowski e Ens (2006, p. 39) entendem que a realização desse balanço possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais. Ainda as autoras salientam que esses estudos são necessários “no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos” favorecendo a organização que mostre a integração e a configuração emergentes, as diferentes perspectivas investigadas, os estudos recorrentes,

as lacunas e as contradições (ROMANOWSKI e ENS, 2006, p. 40).

Diante do exposto, optamos por usar como método de pesquisa o Estado do Conhecimento. No dia 26 de setembro de 2017 foi feita uma busca no banco de dados do site Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD – com as palavras-chave: Docente masculino; Educação Infantil, e com a opção de procura em todos os campos. Foram encontrados 95 resultados. Numa página à parte, enumerei do 1 ao 95; copiei todos o nome dos autores e o do seu trabalho. Após isso, li todos os resumos, porém alguns falavam no sentido muito amplo da temática de gênero; outros falavam de docentes de matemática, saberes docentes na Educação Infantil, auxiliar na Educação Infantil, docentes de E.A.D., musicalização, ciências, Educação Ambiental, tecnologias digitais entre outras. Seleccionamos apenas 10 trabalhos. Porém, 1 dessas dissertações (Ruis, Fernanda Ferrari, 2017) ainda não estava disponível para leitura, e a pedido da autora, só seria divulgada no dia 02 de janeiro de 2018; optamos por não incluir esta dissertação, pois já estávamos com todos os demais trabalhos em mãos e o estudo já seria iniciado. Ficou acordado que o corpus de análise seria 9 trabalhos, sendo 7 dissertações de mestrado e 2 teses de doutorado, por eles falarem do tema desta pesquisa, que são: (Alves, 2012), (Costa, 2007), (Ferreira, 2008), (Gomides, 2014), (Mendonça, 2016), (Nunes, 2013), (Pereira, 2012), (Silva, 2015) e (Silva, 2014).

Baixei os 9 trabalhos que estavam disponíveis no site e comparei com o material que eu já tinha em mãos – que eram dissertações, teses, artigos e livros sobre a temática. Constatei que dos 9, 3 trabalhos eu já tinha impresso e lido. Imprimi os 6 trabalhos que eu não tinha e assim passei a lê-los para futuramente analisá-los. Atualmente estamos em fase de decidir estratégias de análise do corpus.

JUSTIFICATIVA

O trabalho ajudará na ampliação de conhecimento, pois através desta pesquisa poderá ser obtido o perfil do docente masculino da Educação Infantil, e sua interação com a comunidade escolar. Também compreender como é construída a identidade do professor-homem, no exercício de sua profissão docente na Educação Infantil, considerada como uma profissão eminentemente feminina.

Para Marshall e Rossman (1989) apud Alves (1991, p. 58), a significância de um estudo pode ser demonstrada indicando sua contribuição para a construção do conhecimento e sua utilidade para a prática profissional e para a formulação de políticas.

Os resultados esperados vislumbram possibilitar subsídios pedagógicos para melhoria da qualidade social da educação nas salas de aulas da Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que este trabalho que está em andamento, futuramente possa ajudar na construção do perfil do docente masculino da Educação Infantil, e sua interação com a comunidade escolar.

O percurso desenvolvido nesta investigação até o momento leva a constatação de que as discussões em torno da presença masculina na Educação Infantil ainda carecem de muitos estudos. Trata-se de um tema polêmico que envolve heterogeneidades no pensamento social.

Tendo dado início à pesquisa, é possível elencar algumas constatações que, entretanto, estão longe de encerrar as questões envoltas no tema da presença masculina na Educação Infantil. Entretanto tal abordagem possibilitou dar visibilidade a esses sujeitos que, nessa profissão, representam um grupo minoritário e, dessa forma, vivenciam a profissão docente a partir de uma perspectiva singular (MONTEIRO, 2014, p. 113).

Além dos docentes serem a minoria, grande parte dos sujeitos adultos pertencentes a diferentes categorias (gestão escolar, docentes e famílias) compreendem que atuar na docência nessa etapa é uma profissão mais adequada ao gênero feminino (SOUSA, 2011, p 168). Ancorados em visões cristalizadas e socialmente construídas sobre as relações e papéis de gênero, os sujeitos objetivam essa ideia na figura do gênero masculino associado à pedofilia e à perversão sexual (SOUSA, 2011, p 168) e na imagem do gênero feminino visto como sinônimo de pureza, delicadeza e aptidão natural para o trabalho com crianças (SOUSA, 2011, p 168; ROCHA, 2012, p. 8).

Sousa (2011, p. 168-169) enfatiza que essas visões cristalizadas, em geral tendo como referência as informações veiculadas na mídia sobre inúmeros casos de pedofilia que tem homens como protagonistas, servem de âncora para os sujeitos que visualizam o trabalho docente na Educação Infantil como um campo de trabalho feminino. Vários sujeitos, ao defenderem a ideia da inadequação de homens para o trabalho com crianças, fazem menção ao “que se ouve por aí”, alguns chegando inclusive a mencionar programas policiais de televisão.

Por outro lado, a representação da Educação Infantil como um campo de trabalho naturalmente feminino parece começar a sofrer alterações. Grande parte dos sujeitos adultos também considera a atuação docente na Educação Infantil como um trabalho, cuja licença para ser exercido depende de habilidades e competências adquiridas numa formação específica. Ancorados na compreensão de que a instituição escolar é importante para o desenvolvimento e ascensão social dos indivíduos e na decisiva contribuição do professor para a efetivação dessa função da escola, esses sujeitos objetivam essa ideia na figura do/a professor como intelectual, competente e formado/a para a função que exerce.

Dessa forma, há de considerar-se que para atuar na docência com crianças, não é o gênero do/a profissional o pré-requisito, mas a formação adquirida para tal.

É provável que essa visão, que coloca como pauta para o exercício docente na Educação Infantil a formação, esteja influenciada por discussões contemporâneas no campo de estudos das relações de gênero que circulam na mídia e em alguns universos reificados da ciência, (principalmente aqueles que dialogam com os movimentos sociais organizados) e nas conversações em geral.

Além disso, tem que considerar-se os avanços nos estudos referentes à necessária formação de profissionais para atuar na docência com crianças. Embora ainda se observa, na prática, inúmeras contradições, e há um consenso na comunidade científico-acadêmica na área de Educação Infantil e em diferentes setores da sociedade civil organizada acerca da exigência da formação. Prova disso é a própria legislação educacional que destaca a imprescindibilidade da formação profissional para o exercício da função docente. O maior desafio atual não é a criação de leis, que primem pela qualidade dos serviços educacionais, porém, mais que isso: impõe-se lutar pelo cumprimento do que já tem sido aprovado.

Nesse sentido, as pressões sociais a favor da qualificação profissional constituem fortes elementos que ajudam a corroborar a representação da docência na Educação Infantil (e em outras áreas) como uma profissão que exige uma formação específica. Ou seja, quando alguns sujeitos afirmam que mais importante que o gênero do/a profissional é a capacitação (competências e habilidades adquiridas na formação), suas expressões não estão desvinculadas de uma realidade social mais ampla em que se imprime um discurso que enaltece a formação profissional.

Outra possível influência sobre essa visão, que reivindica a competência profissional como requisito para o trabalho com crianças, pode ser o lento, controverso, porém, significativo processo de valorização profissional de docentes da Educação Infantil. Nesse processo, uma das pautas principais diz respeito a importância da formação profissional que, segundo Zabalza (1998) apud (SOUSA, 2011, p 169), tem um significado especial para a educação das crianças pequenas. Isso, porém, não significa que as concepções cristalizadas de gênero arrefeçam e não sejam também influentes na forma como acontece o ingresso e na trajetória dos professores.

Ao analisar o ingresso e a trajetória de homens como professores de Educação Infantil, é preciso considerar as singularidades dos contextos e dos sujeitos que neles se inseriam. Por meio disso e das leituras realizadas, permite afirmar que esses processos não são homogêneos, nem igual em qualquer situação. Pelo contrário, guarda singularidades que precisam ser ponderadas em cada contexto.

Outra opção vislumbrada por alguns sujeitos de uma das pesquisas (MONTEIRO, 2014, p. 113) foi realizar o curso de Magistério no CEFAM - Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério -, o que possibilitou receber uma bolsa de estudos, ao invés de iniciar a carreira profissional em funções que não exigissem mínima especialização.

Aos que realizaram o curso em outras instituições, foi possível ingressar precocemente na profissão, na forma de estagiários remunerados, sendo a melhor oportunidade profissional naquele momento de suas vidas. Além dos fatores expostos, a escolha pelo curso de Pedagogia como segunda formação ocorreu também relacionada ao interesse em ocupar cargos na gestão escolar,

para professores que já haviam realizado outros cursos de licenciatura.

Diante da escolha realizada inicialmente, surgiu – em determinado momento dos caminhos profissionais dos sujeitos – a possibilidade de atuar como professores de Educação Infantil. O trabalho com crianças pequenas ocorreu em alguns casos durante o curso de formação inicial, recebendo destaque a importância da experiência em estágios para a posterior escolha. Em outros casos, a opção por trabalhar na Educação Infantil ocorreu como oportunidade de emprego e, dessa forma, mostrou-se como um meio para alcançar outros objetivos, dentre eles, conseguir um emprego estável após a conclusão do curso de formação inicial.

A leitura das dissertações e teses que usamos para o embasamento teórico também possibilitou questionar a perspectiva que considera a docência como dom, missão e naturalmente feminina, pois foi constatado que diversos fatores estiveram presentes no processo de escolha profissional. Essa opção se refletiu nos projetos profissionais de alguns sujeitos que, embora não tenham explicitado o desejo de sair dessa área de atuação, quando questionados a respeito dos planos para o futuro sinalizaram que a permanência na docência na Educação Infantil não é o objetivo final de suas carreiras.

Continuar os estudos realizando o mestrado, atuar em cargos de gestão, ou lecionar no Ensino Superior foram intenções relatadas (MONTEIRO, 2014, p. 114), mesmo por aqueles professores que já haviam percorrido anos de experiência na área.

A hierarquia de gênero mostrou-se presente e foi evidenciada pela diferença de representatividade entre homens e mulheres na docência na Educação Infantil e em outros segmentos da Educação Básica (MONTEIRO, 2014, p. 114). A presença masculina mais acentuada em cargos na gestão do que na docência e, em especial, o fato de a maior parcela dos homens diretores optarem pela gestão na Educação Infantil, demonstrou quão desiguais e contraditórias se apresentam as relações de gênero nessa área de atuação.

De acordo com os relatos dos sujeitos (MONTEIRO, 2014, p. 115), constata que os desafios iniciais na carreira revelaram lacunas existentes entre formação e prática docente, ou seja, entre os conteúdos dos cursos de Pedagogia e o cotidiano na Educação Infantil. Os estágios e conhecimentos teóricos, embora em alguns relatos tenham mostrado como influência para ingresso na profissão, também foram criticados por não proporcionarem uma noção a respeito da complexidade que envolve a prática docente no decorrer de um ano todo de trabalho.

Em sua dissertação Monteiro (2014, p. 115) relata que dentre as dificuldades relatadas, a relação estreita vivenciada diariamente com as crianças, as condições de trabalho – como trabalhar sozinho com turmas numerosas de crianças pequenas –, lidar com situações de cuidado - como momentos nos quais as crianças se machucam –, foram elementos que se destacaram. Planejar e executar as propostas pedagógicas, considerando as características próprias do trabalho pedagógico na Educação Infantil, com enfoque na interação, brincadeira, planejando o uso do tempo e dos espaços, foi outro aspecto da prática docente aprendido aos poucos no cotidiano da escola.

Alguns sujeitos das pesquisas lidas afirmaram também não ter recebido apoio adequado no período inicial da carreira, seja por parte da equipe gestora, ou em cursos de formação continuada, oferecidos para lidar com as dificuldades iniciais na profissão.

Além dos desafios intrínsecos à docência na Educação Infantil, os professores enfrentaram dificuldades relacionadas a noções de masculinidade que se mostraram incompatíveis com o trabalho pedagógico na Educação Infantil. As dificuldades e preconceitos enfrentados pelos homens que enveredaram nessa profissão, exercida predominantemente por mulheres, revelaram quão polarizadas se apresentam as noções de feminino/masculino em nossa sociedade e a necessária perspectiva relacional para compreender as relações de gênero na profissão docente e na educação.

Emergiram nas trajetórias dos professores questionamentos a respeito de sua presença no cargo de professor, de sua competência para tal função e de sua escolha profissional. Os procedimentos em momentos de cuidados corporais – como troca de roupas e ida ao banheiro – também foram alvos de olhares de suspeita. Tais questionamentos se efetivaram em ações concretas de tentativas de segregação entre professores e crianças, uma dificuldade adicional enfrentada por alguns no início da carreira, quando toda a adaptação e calma se faziam necessárias. Além disso, a orientação sexual dos sujeitos foi questionada inicialmente e, a qualquer momento caso os sujeitos mudassem de escola, por exemplo, mesmo após anos de experiência na profissão.

A presença dos homens como professores de Educação Infantil e a análise de suas trajetórias desestabilizou a concepção de profissão docente relacionada exclusivamente ao âmbito feminino, e de Educação Infantil como área de atuação distante do âmbito e capacidade masculinos, emergindo como um possível campo de atuação para homens e mulheres (MONTEIRO, 2014, p. 116).

A noção de masculinidade associada a um ideal de virilidade se revelou como uma noção a ser constantemente repensada e a presença dos professores homens na Educação Infantil permitiu a emergência de outras noções de masculinidades, que incluam o cuidar e o educar, assim como a escolha pela carreira docente dedicada às crianças, como possibilidades para os sujeitos do sexo masculino. Dessa forma, a ideia das trajetórias dos professores possibilita mostrar que tais noções são construídas socialmente e, portanto, mutáveis. As tentativas de segregação entre homens e crianças evidenciadas nas leituras trouxeram à tona a necessária reflexão a respeito da atuação masculina na área da educação.

O relato dos professores a respeito da relação entre trabalho e paternidade também revelou outras possíveis formas de vivência da masculinidade, nas quais o afeto e o convívio familiar ganham destaque, alterando os projetos profissionais dos sujeitos. Desnaturalizando a noção de cuidado atrelada estritamente ao âmbito feminino.

Tanto mulheres como homens demonstraram compartilhar concepções hegemônicas de masculinidade, de forma a buscar distanciar o homem da sala de aula de Educação Infantil e o inserir, em muitos casos, na gestão escolar. Enquanto em um primeiro momento mulheres – mães e professoras – influenciaram a escolha pela profissão docente, posteriormente foram também mulheres as principais questionadoras a respeito da presença dos professores diretamente na sala de aula.

Uma suspeita permanente que pode recair a qualquer momento sobre os professores levou a um constante reafirmar de seu espaço na área da Educação Infantil, justificando sua presença naquele local de trabalho.

Os estudos acerca das relações de gênero na educação e, nesse caso, da construção social das masculinidades, mostra-se necessário nos cursos de formação inicial em Pedagogia, nos quais em geral a temática gênero não vem sendo abordada de maneira a questionar concepções estabelecidas socialmente. É necessária uma formação que abranja o maior número possível de futuros professores, ainda em formação, para que essas concepções preconceituosas sejam minimizadas.

O estudo das trajetórias e da atuação de outros sujeitos do sexo masculino no cotidiano da Educação Infantil, como monitores, diretores, orientadores pedagógicos, vice-diretores etc., possibilitariam outras reflexões e pontos de interlocução nas análises.

As leituras destes trabalhos indicam que proporcionar às crianças na Educação Infantil uma educação que envolva a diversidade e a equidade de gênero na escola, exige refletir e iniciar ações que possibilitem também a equidade de gênero na profissão docente e, por extensão, na própria sociedade. Desafios colocam-se a partir das leituras realizadas, relacionados à produção de conhecimento no campo dos estudos de gênero na educação, à elaboração e implementação de políticas públicas e às dimensões pedagógicas da Educação Infantil a partir da perspectiva de gênero, sendo nossas análises mais perguntas e inquietações do que propriamente respostas às questões colocadas inicialmente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alda J. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Cad. Pesq., São Paulo (77): 53-61, maio 1991.

BDTD. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (<http://bdtd.ibict.br/vufind/>), acesso 23 jun.2022.

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONSECA, T. S. M. **Quem é o professor homem dos anos iniciais?** Discursos, representações e relações de gênero. Juiz de Fora, 2011. Dissertação de mestrado. UFJF.

GATTI, Bernadete A. **A construção da pesquisa em Educação no Brasil/Brasília:** Plano Editora, 2002. 87p.- (série pesquisa em Educação, v.1)

HAHNER, June E. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis 19(2): 336, maio-gosto/2011, p. 467-474.

LOURO, Guacira L. O gênero da docência. In: _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 88-109.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. **A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MONTEIRO, Mariana Kubilius. **Trajetórias na docência: Professores homens na Educação Infantil.** Campinas, 2014. Dissertação de Mestrado. UNICAMP - SP

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da Educação Infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG.** Belo Horizonte, 2011. Dissertação de Mestrado. PUC – MG.

ROCHA, C. M. **Homens podem ensinar? A experiência masculina de ensino nas etapas iniciais da educação básica.** COPEDI, 2012. UNICAMP. Retirado da Biblioteca Digital da Unicamp. <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:kQX1FefiaTkJ:www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/%3Fdown%3D000949206+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> acesso 23 jun.2022.

ROMANOWSKI, J. P. ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação.** Diálogo Educ., Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creches.** 2005. 273 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis.